
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**DAMIAN GUIMARÃES KONOPCZYK MALUF
FARHAT**

**AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE CORPO AO LONGO DA
HISTÓRIA E NOS DIAS ATUAIS E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA
NOS MODELOS DE CORPO DE HOJE**

DAMIAN GUIMARÃES KONOPCZYK MALUF FARHAT

AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE CORPO AO LONGO DA
HISTÓRIA E NOS DIAS ATUAIS E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NOS
MODELOS DE CORPO DE HOJE

Orientador: Prof. Dr. Wilson do Carmo Jr.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2008

796.019 Farhat, Damian Guimarães Konopczyk Maluf
F223d As diferentes concepções de corpo ao longo da história e
nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de
corpo de hoje / Damian Guimarães Konopczyk Maluf
Farhat. – Rio Claro: [s.n.], 2008.
30f.

Trabalho de conclusão (bacharelado – Educação Física) –
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro
Orientador: Wilson do Carmo Júnior

1. Esportes – Aspectos psicológicos. 2. Grécia Antiga. 3.
Idade Média. 4. Renascimento. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Agradecimentos:

Quero agradecer primeiro a Deus, pois sem Ele, com certeza eu não seria o que eu sou hoje. Meus pais, Rafael e Neila, vêm logo em seguida, pois foram eles que de todas as formas e com muito sacrifício, possibilitaram que eu pudesse estudar em boas escolas e, conseqüentemente, chegar até aqui. Meus irmãos Ian, Natasha e Vivian, que sempre me amaram e me deram o apoio necessário para completar a faculdade.

Não posso deixar de citar também, o professor Wilson do Carmo Jr que também não poupou esforços e me ajudou, me orientando durante a realização deste trabalho.

A todos os meus amigos e amigas que eu fiz aqui ao longo destes 4 anos e àqueles que me ensinaram tudo o que eu aprendi durante o curso, os professores.

Em especial, agradecer ao James, Bulute (Luiz), Gil (Ernane), Júnior, Diego, Vitão, Caraguá (Bruno), Calcinha (Marcelo), Giovana, Carol, Raquel, Sevê (Eliane), amigos que eu nunca vou esquecer, pois sempre estiveram comigo quando eu precisei. E claro, à todos do BLEF 2005!

Enfim, quero agradecer a tudo e a todos, pois foram 4 anos inesquecíveis, de muita festa, risadas, bagunças, churrascos, futebol e “um pouco de estudo”.

Resumo:

Sabe-se até hoje, que falar sobre o corpo não é só tratar de matéria. O corpo tem uma importância bastante grande e interessante dentro do contexto social e filosófico. Sócrates, Platão, Descartes são exemplos de filósofos que tentavam compreender o corpo de alguma forma.

Desde a Grécia Antiga, o corpo é encarado como um santuário. Os Jogos Olímpicos representavam essa visão, com toda a beleza de corpos atléticos e vigorosos. Ficava clara a concepção de que um corpo bonito e saudável era sinônimo de beleza e virilidade. Mas nem sempre isso foi assim.

Na Idade Média, corpos bonitos eram aqueles que, esteticamente falando, não pareciam tão atraentes assim. Ser gordo nessa época representava saúde. Para as mulheres, ser gorda significava ser uma boa reprodutora e mãe de filhos saudáveis. Além disso, a Igreja exercia forte influência nessa época, chegando até a extinguir os Jogos Olímpicos. Qualquer culto ao corpo era estritamente proibido.

Até chegarmos aos dias de hoje, o corpo passou por diversas modificações. O que se vê hoje, são corpos construídos, seja pela mídia ou por cirurgias plásticas. A concepção de corpo da sociedade contemporânea é puramente artificial.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. O CORPO <i>CONCEITO</i> E SEUS PENSADORES.....	7
2.1. Homem Antigo: O corpo como tema para o homem, um incrível paradoxo para a cultura.....	9
2.2. Homem Medieval.....	13
2.3. Homem do Renascimento.....	14
2.4. Homem Moderno.....	14
3. O CONCEITO <i>CORPO</i> NA HISTÓRIA.....	16
3.1. Grécia Antiga.....	16
3.2. Idade Média.....	18
3.3. Renascimento.....	20
4. O MODELO DE CORPO ATUAL NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA SUA DEFINIÇÃO.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
6. REFERÊNCIAS	29

1. Introdução:

Umas das questões mais importantes acerca das preocupações do homem consigo mesmo é a reflexão sobre o corpo. Desde os tempos remotos o corpo parece ter sido uma unidade dentro da totalidade humana, sobretudo para que fosse possível uma compreensão mais aguda sobre a relação do homem como o meio e as deidades. Há nesse contexto um paradoxo de difícil solução: o entendimento entre natureza e espírito assim como a relação corpo e alma, corpo e mente. É nessa confusa e intrincada descrição filosófica que o homem tenta se estabelecer e confirma sua concepção de ser humano. Vemos que a natureza humana não se desprende da entidade humana e o corpo sempre ressurgue como expressão e significado ao longo da formação cultural. Para tal, filósofos, cientistas, artistas, religiosos, em cada cumprimento dos seus discursos ou qualquer outra forma de manifestação, o discurso sobre o corpo sempre chega fazer parte de seus sistemas.

O conceito de corpo já passou por diferentes modificações ao longo da história. Porém, sabe-se que o corpo sempre foi o mesmo, do ponto de vista anatômico e biológico. Mas o que dizer da subjetividade dele, da forma com que as pessoas vêem os corpos delas, de como os vestem e os modelam com cirurgias ou com exercícios? Esta, com absoluta certeza têm passado por grandes metamorfoses.

Na Grécia, o corpo era extremamente valorizado e o culto a ele era prática cotidiana. O corpo neste período era valorizado por ser atlético, saudável e fértil. A educação de jovens tinha como destaque, as práticas corporais em Esparta, na busca por um corpo saudável e forte. Já em Atenas, predominava a idéia do corpo belo. Nas outras partes da Grécia, toda atividade de culto ao corpo, visava os Jogos Olímpicos. Já as classes menos favorecidas, tinham sua preparação física visando a guerra, o que interessava demais ao Estado.

Na Idade Média, qualquer culto ao corpo era estritamente proibido. A Igreja exercia forte influência neste período, conseguindo até extinguir os Jogos Olímpicos. Fica claro, nessa época a separação do corpo e da alma, onde a alma prevalecia sobre o corpo em quaisquer circunstâncias. O bem da alma estava acima dos prazeres carnavais, o que inibia qualquer manifestação corporal. O corpo era

considerado culpado e pecador, o que incitava o autoflagelo, enforcamento apedrejamentos e execuções em praça pública. Todo esse conjunto de fatores, não contribuiu para registros de culto ao corpo na Idade Média, que são irrisórios.

Mas a concepção de corpo muda radicalmente quando entramos no período Renascentista. É nessa época que o corpo começa a ser redescoberto, com um maior pensamento científico e estudos sobre o corpo. É no Renascimento que começa a existir uma preocupação maior com a liberdade do ser humano. O culto ao corpo fica bem evidente através das artes. Corpos nus eram retratados nas obras de pintores como Michelangelo e Leonardo Da Vinci, por exemplo. Esse tipo de manifestação de arte era, logicamente, impossível de acontecer na Idade Média.

Se pensarmos nos dias de hoje, a concepção de corpo contemporânea é exageradamente deturpada. Os corpos são produtos, sobretudo o das mulheres que são inescrupulosamente “vendidos” pela mídia. A exibição pública do corpo é cada vez mais liberal e perniciosa, fazendo com que a obsessão pelo corpo perfeito acometa jovens e adultos e apareçam grandes problemas psicológicos que acabam acarretando patologias como a bulimia e a anorexia, entre outras. O controle sobre o corpo parece estar ameaçado e as regras desta exacerbada exposição parecem ser, fundamentalmente estéticas.

Este trabalho terá então, por objetivo, analisar o corpo ao longo da história chegando até os dias atuais.

2. O corpo *conceito* e seus pensadores

Dentro de uma antropologia concreta parece ser de consenso que a consciência do homem a respeito de si mesmo nasce com a descoberta do próprio corpo e a incorporação que revela a individualidade e a identidade humana com relação à natureza na qual o homem se descobre. Podemos considerar que o homem não surgiu antes do universo, entretanto, a partir da ruptura entre dois universos, a passagem do mítico para o racional, o homem foi o precursor da afirmação de si diante do mundo. E o corpo, enquanto conceito foi o signo dessa transformação cultural (CARMO JR., 2005).

A nova consciência do homem com o universo vem com a conquista da natureza pelo olhar da razão e nesse meio, o corpo humano se configura como o elo que se fixa como ponto de partida para que pudesse ser confirmada a transposição entre a imagem irrefletida sobre o corpo e a sua íntegra anatomia. Ao longo do tempo a tomada gradativa da consciência sobre o corpo é progressiva em cada etapa da formação cultural do ocidente. Do primitivo ao contemporâneo, o sentido pelo qual o trajeto conceitual ou mesmo a leitura que se fez sobre o corpo humano há sempre uma dúvida real: qual o sentido do corpo e qual a fronteira deste com a mente ou com o espírito? É natural também que o culto ao corpo tornou-se uma necessidade não apenas como uma categoria racional ou forma de pensar apenas sobre a expressão anatômica, mas por necessidade de estabelecer relações concretas entre as entidades que formam o homem na sua totalidade. Ao longo da história essa busca de compreensão e reflexão reflete a necessidade da afirmação do corpo como um bem natural.

É normal nos dias de hoje, encontrarmos pessoas preocupadas com seus corpos. O culto a ele tem se tornado cada vez mais comum. Essa preocupação pode estar relacionada à saúde ou à estética. Com relação à saúde, o indivíduo pode recorrer a um profissional de Educação Física, com o intuito de prevenir problemas como obesidade e hipertensão, por exemplo. Trata-se então, de uma medida preventiva. Porém, em alguns casos, há a necessidade da procura de um médico, o que torna esta ação unicamente curativa.

Este é o grande desafio encontrado pela Educação Física hoje: Conscientizar a população da importância da prática de atividade física. Isso faz com que algumas doenças sejam prevenidas e gastos com a saúde sejam evitados. Isso faz também com que a profissão seja valorizada. Mas isto diz respeito à preocupação da saúde do corpo.

Esteticamente falando, a maior preocupação de hoje, é com a concepção de corpo, digamos, “vigente”. Prega-se a idéia de corpos perfeitos, demasiadamente estimulada, veiculada e vendida pela mídia. Cresce o número de cirurgias plásticas, as academias são cada vez mais freqüentadas por homens e mulheres de todas as idades e o corpo torna-se um objeto de consumo, onde pessoas entram numa desenfreada busca pela imagem ideal, através de altos investimentos. E essa busca passa a ser em alguns casos, bastante perigosa. A obsessão pelo corpo ideal pode causar sérios transtornos alimentares, entre outras complicações.

Dentro deste contexto do “corpo perfeito”, além da mídia, a indústria farmacêutica também exerce forte influência sobre as pessoas. São inúmeros medicamentos que prometem grande perda de peso, num curto espaço de tempo. Para alguns, tomar o remédio é mais fácil do que praticar exercícios, o que torna o desafio do profissional de Educação Física muito mais difícil.

A busca da imagem ideal é mais comum entre as mulheres, que são mais propensas a este tipo de preocupação, seja por fatores psicológicos e/ou biológicos. Não obstante, as mesmas afastam-se das reais preocupações do seu tempo. Isso fica bastante claro, quando se vê, principalmente na televisão, lindas mulheres exibindo seus corpos, vendendo e banalizando suas imagens, mas de boca calada. Quando convidadas a discorrer sobre um assunto aleatório, a maioria se mostra ignorante e incapaz de completar qualquer frase sem deixar transparecer sua ignorância. Que fique claro, que isso acontece também com os homens, só que menos exposto ao público.

Pode-se inserir aqui, então, a questão do gênero. O termo começou a ser usado por feministas dos Estados Unidos, na década de 1970 e até hoje é usado para esclarecer a questão da diferença sexual entre homens e mulheres. Desde pequenos, sempre é esperado que meninos e meninas sejam diferentes. Posteriormente, nas meninas, o corpo fraco e belo é estimulado e nos homens, o corpo forte e viril.

Mas afinal de contas, o que é o corpo? Qual é a definição para corpo? Como ele se comportou diante das metamorfoses que aconteceram nele ao longo do tempo? Serão estas as questões abordadas neste trabalho, buscando as devidas respostas através de uma reflexão histórica acerca do tema proposto.

Uma mudança visível, porém sem muita importância é a da estatura média dos indivíduos, que aumentou. Isso se deve graças à melhora do regime alimentar de homens e mulheres. Mas o corpo, além de sua composição anatômica, sobretudo é um objeto histórico. Cada cultura tem seu tipo, sua concepção de corpo, assim como os mesmos têm seus idiomas.

2.1. Homem Antigo: O Corpo como tema para o homem, um incrível paradoxo para a cultura.

A civilização ocidental carrega no dorso um peso considerável: o homem racional. No início da cultura ocidental, podemos imaginar que realmente surgiu um novo homem a partir da civilização grega, ao estranhar-se com as coisas. Naturalmente que entre as coisas havia o próprio homem, que com o tempo veio a se transformar em ser. E, para a afirmação desse ser foi preciso colocá-lo em oposição às coisas. Portanto de um lado o Homem, do outro a Natureza, um esboço de racionalidade diante das dúvidas e das perguntas que o próprio homem fazia a si mesmo. Considerando as primeiras dúvidas como acidente da psique, como alusão da consciência, ou mesmo como impulso divino, o fato, que imediatamente após surgirem, inaugura-se um problema que iria avançar os séculos. Uma visão realista nos indica que essa dúvida perpétua, e o que a princípio era estranho, no decorrer dos séculos se torna mais complexa. O problema, o homem e a dúvida, humana.

Uma história de filosofia introduz uma história da realidade humana. Nos primórdios da meditação filosófica, se conjugam uma descoberta curiosa de que o homem viu-se como problema a partir da indagação pelo alheio, pelo externo a si mesmo. O que a princípio era apenas uma coisa a mais, os problemas humanos em suspensão, superam os problemas da natureza, e o dom da reflexão encontra-se com o humano como unidade metafísica. A história demonstra de modo formal que os problemas acerca do homem e da natureza, aparecem autenticamente nos textos platônicos. A partir deles, a meditação filosófica deteve-se no homem diante do mundo, desde seu sentido orgânico, até seu modo particular de convivência coletiva.

O pensamento grego move-se no apelo a um homem, em princípio na busca daquela coisa a mais, porém, essa coisa supunha imediatamente um corpo, uma soma, o signo corpóreo e biológico, oriundo dos postulados da medicina hipocrática. Percebe-se nos estudos de Platão uma retórica confusa e insuficiente para identificar o ser corpóreo: o homem tem um corpo, uma alma, ou corpo e alma? Na verdade essas dúvidas representam uma tentativa insistente de descobrir o verdadeiro ser humano.

Na cultura grega, especificamente na Paidéia, há indícios de uma preocupação com o corpo e a mente, no sentido da formação do cidadão, desde a vida moral, ética, estética, até a função humana cognoscitiva. Há uma preocupação em educar a mente e o corpo, pelas metáforas, reconhecendo um corpo e uma mente como entidades distintas. Talvez pela influência dos livros dos hindus e babilônicos a palavra alma adquira uma conotação de mente. Os gregos não podiam ser acessíveis à sabedoria e superstição orientais sobre a vida dos sonhos, antes que a alma se convertesse para eles próprios no centro do pensamento, o que nesta forma científico-teórica não sucedeu antes do século IV. Ora, se foi preciso uma ciência para definir sonhos e alma, bem provável que o produto final deste raciocínio tenha sido uma proximidade entre alma e mente. E foi na teoria platônica da alma que nasceu a preocupação filosófica da Academia, pois já era sabido que para educar, eram necessários música (para alma) e movimento (para o corpo), ter o dom da palavra e o domínio da língua.

É preciso compreender o motivo pelo qual o corpo é uma preocupação filosófica. Quando a atenção do pensamento se dirige para o homem, por mais evidente que seja a direção sobre a razão, é possível distinguir entre o corpo do homem e uma realidade que se sustenta com nomes vagos como alma, mente ou espírito. Com essa realidade conceitual, a filosofia vê-se obrigada a lidar com as imprecisões e ambigüidades com muita cautela, mas o apego ao corpóreo é inevitável. Há neste particular um incrível paradoxo. O homem carrega em si o dualismo. A partir de uma concepção de corpo, não poderia ser nada mais do que um corpo humano, terreno, fixo e corruptível, e a alma (mente ou espírito), aquela que pode elevar-se até o ser divino (CARMO JR., 2005).

Destacam-se neste período três filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles.

Sócrates

Nasceu em 470 ou 469 a.C., em Atenas, filho de Sofrônico, escultor, e de Fenáreta, parteira. Aprendeu a arte paterna, mas dedicou-se inteiramente à meditação e ao ensino filosófico, sem recompensa alguma, não obstante sua pobreza. Desempenhou alguns cargos políticos e foi sempre modelo irrepreensível de bom cidadão. Morreu em 399 a.C. com 71 anos de idade.

Sócrates se debruçava sobre o tema da beleza considerando que o Belo era uma concordância observada pelos olhos e ouvidos.

Tinha como maior objetivo, ensinar o homem a cuidar da sua alma, antes que o seu corpo. Sócrates acreditava vivamente ter recebido essa tarefa por Deus, como podemos ler na *Apologia de Sócrates*, de Platão: *“(...) é a ordem de Deus. E estou persuadido de que não há para vós maior bem na cidade que esta minha obediência a Deus. Na verdade, não é outra coisa o que faço nestas minhas andanças a não ser persuadir a vós, jovens e velhos, de que não deveis cuidar só do corpo, nem exclusivamente das riquezas, e nem de qualquer outra coisa antes e mais fortemente que da alma, de modo que ela se aperfeiçoe sempre, pois não é do acúmulo de riquezas que nasce a virtude, mas do aperfeiçoamento da alma é que nascem as riquezas e tudo o que mais importa ao homem e ao Estado.”*

Um dos raciocínios fundamentais feitos por Sócrates para provar essa tese é o seguinte: uma coisa é o instrumento que se usa e a outra é o sujeito que usa o instrumento. Ora, o homem usa o seu corpo como instrumento, o que significa que a essência humana utiliza o instrumento, que é o corpo, não sendo, pois, o próprio corpo. Assim, à pergunta "o que é o homem?", não seria lógico responder que é o seu corpo, mas sim que é "aquilo que se serve do corpo", que é a psyché, a alma. Esta mesma alma seria imortal e fadada a reencarnar tantas vezes fosse necessário até a alma se aperfeiçoar de tal forma que não precisasse mais voltar a este planeta e a este corpo.

Platão

Nasceu em Atenas, provavelmente em 427 a.C.. É considerado um dos principais pensadores gregos, pois influenciou profundamente a filosofia ocidental. Suas idéias baseiam-se na diferenciação do mundo entre as coisas sensíveis

(mundo das idéias e a inteligência) e as coisas visíveis (seres vivos e a matéria). Morreu em 347 a.C., aos oitenta anos de idade.

Platão foi o primeiro a formular claramente a pergunta “O que é o Belo?”. Para ele a beleza existe separada do mundo sensível, sendo que uma coisa é mais ou menos bela conforme a sua participação na idéia suprema de beleza.

Para ele, a natureza do homem é racional, e, por consequência, na razão realiza o homem a sua humanidade: a ação racional realiza o sumo bem, que é, ao mesmo tempo, felicidade e virtude. Entretanto, esta natureza racional do homem encontra no corpo não um instrumento, mas um obstáculo, que Platão explica mediante um dualismo filosófico-religioso de alma e de corpo: o intelecto encontra um obstáculo nos sentidos, a vontade no impulso, e assim por diante.

Platão reconhece a importância da ginástica, mas não passa de uma importância instrumental e parcial, pois o prevalecer da cultura física do corpo torna os homens grosseiros e materiais. Daí a sua aversão ao culto idolátrico dos exercícios físicos, que foi um dos indícios da decadência grega. Uma importante frase sua foi: “A educação deve possibilitar ao corpo e à alma toda a perfeição e a beleza que podem ter”.

Aristóteles

Este grande filósofo grego, filho de Nicômaco, médico de Amintas, rei da Macedônia, nasceu em Estagira, colônia grega da Trácia, no litoral setentrional do mar Egeu, em 384 a.C. Aos dezoito anos, em 367, foi para Atenas e ingressou na academia platônica, onde ficou por vinte anos, até a morte do Mestre. Morreu a 323 a.C..

Aristóteles por sua vez, embora retomassem o dualismo corpo-alma, modifica essencialmente seu sentido. Para ele, a alma e o corpo são dois elementos de investigação teórica do ser, unidos, que formam o homem, matéria e forma: é esta a interpretação de Aristóteles.

Segundo Aristóteles, diversamente de Platão, todo ser vivo tem uma só alma, ainda que haja nele funções diversas, faculdades diversas, porquanto se dão atos diversos. E assim, conforme Aristóteles, o corpo humano não é obstáculo, mas instrumento da alma racional, que é a forma do corpo.

2.2. Homem Medieval

Os filósofos de destaque neste período foram: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Santo Agostinho

Aurélio Agostinho nasceu em Tagasta, cidade da Numídia, de uma família burguesa, a 13 de novembro do ano 354. Seu pai, Patrício, era pagão, recebido o batismo pouco antes de morrer; sua mãe, Mônica, pelo contrário, era uma cristã fervorosa, e exercia sobre o filho uma notável influência religiosa. Depois da conversão, Agostinho abandona Milão, e, falecida a mãe em Óstia, volta para Tagasta. Ordenado padre em 391, e consagrado bispo em 395, governou a igreja de Hipona até a morte, que se deu durante o assédio da cidade pelos vândalos, em 28 de agosto do ano 430. Tinha 75 anos de idade.

As idéias e concepções de Santo Agostinho sobre o corpo, embora pareçam um pouco parecidas, mostram-se bastante diferentes das dos filósofos antigos. Isso é explicado pelo embasamento religioso das suas idéias, após sua conversão. Assim como era pregado o não culto ao corpo nesta época, assim também eram as idéias de Santo Agostinho.

Para ele, o pecado leva o corpo a dominar a alma; a religião, porém, é o contrário do pecado, é a dominação do corpo pela alma. Assim, cultuar o corpo era considerado pecado e era isso o que importava naquele tempo: não fazê-lo.

A psicologia agostiniana harmonizou-se com o seu platonismo cristão. Por certo, o corpo não é mau por natureza, porquanto a matéria não pode ser essencialmente má, sendo criada por Deus, que fez boas todas as coisas. Mas a união do corpo com a alma é, de certo modo, extrínseca, acidental: alma e corpo não formam aquela unidade metafísica, substancial, em virtude da doutrina da forma e da matéria. A alma nasce com o indivíduo humano e, absolutamente, é uma específica criatura divina, como todas as demais. Entretanto, Agostinho fica indeciso entre o criacionismo e o traducionismo, isto é, se a alma é criada diretamente por Deus, ou provém da alma dos pais.

São Tomás de Aquino

Nasceu em 1225, no castelo de Roccasecca, na Campânia, da família feudal dos condes de Aquino. Era unido pelos laços de sangue à família imperial e às famílias reais de França, Sicília e Aragão. Recebeu a primeira educação no grande mosteiro de Montecassino, passando a mocidade em Nápoles como aluno daquela universidade. Faleceu no dia 7 de março de 1274 em Fossanova, Itália, aos 49 anos.

Diversamente do dualismo platônico-agostiniano, Tomás sustenta que a alma, embora espiritual, é unida substancialmente ao corpo material, de que é a forma. Desse modo o corpo não pode existir sem a alma, nem viver, e também a alma, por sua vez, ainda que imortal, não tem uma vida plena sem o corpo, que é o seu instrumento indispensável.

2.3. Homem do Renascimento

Francis Bacon foi o principal de sua época.

Francis Bacon

Francis Bacon nasceu no dia 22 de janeiro de 1561 na York House, Londres, residência de seu pai *sir* Nicholas Bacon, que nos primeiros vinte anos do reinado de Elizabeth tinha sido o Guardião do Sinete. A mãe de Bacon foi *lady* Anne Cooke, era lingüista e teóloga, e não tinha dificuldade em se corresponder em grego com bispos. Tornou-se instrutora do filho e não poupou esforços para que ele tivesse instrução.

Para Francis Bacon, os bens do corpo humano são de quatro classes: saúde, beleza, força e prazer. Para ele o corpo do homem é a massa mais fermentada e composta de todas as coisas. A alma, pelo contrário, é a mais simples de todas as substâncias.

2.4. Homem Moderno

Este período teve grandes filósofos. Falaremos sobre Descartes.

Descartes

René Descartes, filósofo e matemático, nasceu em La Haye, na Touraine, cerca de 300 quilômetros a sudoeste de Paris, em 31 de março de 1596. O pai, Joachim Descartes, advogado e juiz, possuía terras e o título de escudeiro, primeiro grau de nobreza, e era Conselheiro no Parlamento de Rennes, na vizinha província da Bretanha, que constitui o extremo noroeste da França. De 1604 a 1614, estuda no colégio jesuíta de La Flèche. Morreu em 1650, aos 54 anos de idade.

Para Descartes, há uma total separação entre alma e corpo no que se refere à sua natureza. Descartes compara a ação da alma à de um mecânico que opera múltiplas engrenagens de um relógio (em analogia ao corpo). No que se refere à localização da alma, em Tratado das Paixões, Descartes afirma que a alma tem sua sede na glândula pineal (localizada na base do crânio) e de lá irradia para o corpo os seus desejos. O cérebro neste caso funcionaria como mero elemento mediador entre corpo e alma. Descartes parte do princípio que a alma se junta ao corpo no momento do nascimento do indivíduo, persistindo esta ligação até a morte.

O que foi visto neste primeiro capítulo, foi uma breve passagem pelos principais filósofos das suas épocas, cada um com seu conceito e idéia sobre o corpo. No próximo capítulo, será visto o corpo numa visão histórica. O conceito de corpo será abordado desde a Grécia Antiga até os dias de hoje.

3. O conceito *corpo* na história

3.1. Grécia Antiga

A idéia de corpo nesta época era bastante clara: corpos fortes, bonitos e saudáveis. Isso porque na Grécia antiga, o corpo era um elemento de adoração e glorificação, além de ser de interesse do Estado. O corpo era admirado pela sua capacidade atlética (por causa das competições, especialmente os Jogos Olímpicos), sua saúde (isso interessava demais o Estado, em razão das constantes guerras contra outros povos) e fertilidade.

A educação dos jovens em Esparta, destacava as práticas corporais, visto que para serem bons soldados, teriam que ser fortes e estar com o condicionamento físico em dia. Em Atenas, porém, as práticas corporais não eram tão voltadas às guerras, mas na formação do ser humano belo e bom, entre outras coisas. Nas demais cidades Gregas, além de Esparta e Atenas, toda prática corporal era voltada aos Jogos Olímpicos.

Os Jogos Olímpicos

Em cerca de 2500 a.C., os gregos realizavam festivais esportivos em honra a Zeus no santuário de Olímpia, o que originou o termo Olimpíada. O evento era tão importante que interrompia até as guerras. Participavam apenas os cidadãos livres e os atletas das cidades-estados gregas. Eles se reuniam na cidade de Olímpia para disputarem diversas competições esportivas: atletismo, luta, boxe, corrida de cavalo e pentatlo (luta, corrida, salto em distância, arremesso de dardo e de disco). Os vencedores eram recebidos como heróis em suas cidades e ganhavam uma coroa de louros. Seus nomes começaram a ser registrados a partir de 776 a.C.

Além da religiosidade, os gregos buscavam através dos Jogos Olímpicos a paz e a harmonia entre as cidades que compunham a civilização grega. Mostra também a importância que os gregos davam aos esportes e a manutenção de um corpo saudável.

No ano de 392 a.C., os Jogos Olímpicos e quaisquer manifestações religiosas do politeísmo grego foram proibidos pelo imperador romano Teodósio I, após converter-se para o cristianismo.

Costumes gregos

A beleza e o asseio eram para os gregos antigos dois requisitos importantes. Tanto em esculturas como em vasos podemos admirar homens e mulheres vestindo elegantes túnicas suaves e em poses graciosas.

Os jovens cuidavam do corpo mantendo-os aptos e fortes a fim de se tornarem bons soldados e atletas. A nudez era considerada algo absolutamente normal pelos jovens moços, que disputavam os Jogos Olímpicos sempre nus. Após as competições os homens e os rapazes esfregavam-se com azeite para manter a pele flexível.

As mulheres usavam óleos perfumados e evitavam ao máximo ficarem expostas ao sol, visto que o bronzeado não era considerado belo. As mais ricas usavam jóias, a maioria delas de ouro ou prata, muito bem trabalhadas.

Os salões de barbeiro surgiram na Grécia Antiga. Enquanto eram barbeados, os políticos, escritores, filósofos e poetas conversavam sobre diversos temas, entre eles a política, eventos sociais e o desporto. Eles também faziam ondas nos cabelos, manicure, pedicure e recebiam massagens. As principais características dos cabelos, é que eles eram escuros e espessos e eram usados longos e ondulados.

Em Creta, o rabo-de-cavalo usado pelas mulheres aparece pela primeira vez. Os preparados cosméticos, óleos, pomadas, graxas e loções eram usados para dar brilho e um perfume agradável aos cabelos. Os cabelos loiros eram raros e admirados pelos gregos e ambos os sexos tentavam descolorar seus cabelos com infusões de flores amarelas. As barbas, verdadeiras e falsas, continuaram populares até o reinado de Alexandre o Grande.

Na Grécia, o banho resultava em um complicado ritual de cuidados corporais que compreendia exercícios físicos, massagens com óleos especiais, imersões em águas de diferentes temperaturas, limpeza consciente da pele, na qual finalmente se aplicavam cremes e adereços.

A massagem era uma prática comum na Grécia Antiga. Ela era utilizada pela medicina assim como eram também as cataplasmas, tônicos, ar fresco e dietas corretivas. As escolas de ponta da Antiga Grécia eram escolas desportivas equipadas com vestiários, balneários, salas de treino, salas de aulas e salas de massagens.

A mulher na Antiga Grécia dedicava muita atenção ao cuidado com o corpo. Nos ginásios e banhos públicos, as jovens da alta sociedade ateniense exercitavam-se para não perderem a linha harmoniosa e esbelta que ainda hoje admiramos nas estátuas. Às mulheres cabia a fidelidade e obediência aos pais e maridos.

Desde a Grécia, até o século XVIII, era difundida a visão unissexuada do corpo. Homens e mulheres eram considerados de mesma natureza biológica, porém, o corpo feminino era tratado como inferior ao masculino, sendo que a diferença entre os dois, estaria no grau de calor do corpo, ou seja, quanto mais quente o corpo, mais perfeito ele era. Como o órgão sexual masculino é possuidor de maior calor vital, eles eram mais desenvolvidos. Dessa forma, a vagina e o útero não eram considerados diferentes do pênis, apenas possuíam menos calor, o que os tornavam uma versão menos desenvolvida do órgão genital masculino.

3.2. Idade Média

Na Idade Média o corpo é o lugar de um paradoxo. Por um lado, o cristianismo reprime-o constantemente: “O corpo é a abominável vestimenta da alma”, diz o papa Gregório Magno. Por outro, é glorificado, nomeadamente através do corpo sofredor de Cristo: “O corpo é o tabernáculo do Espírito Santo”, dizia Paulo.

Apesar de ser claro o paradoxo, mais clara ainda era a concepção de corpo na Idade Média: O corpo era pecador, portanto era preciso proibir qualquer tipo de manifestação corporal, qualquer preocupação com ele.

Neste período, a Igreja exercia forte influência na vida das pessoas. A Igreja era vista como o lugar onde estava Deus na vida terrena. Isso então dava ainda mais poder à Igreja, pois a base da sociedade era o Teocentrismo (Deus é o centro de todas as coisas).

Dessa forma, a Igreja influenciava e ditava de maneira bastante repressiva, o comportamento das pessoas no campo moral, nos relacionamentos interpessoais, na vida familiar e na forma de pensar e vestir.

O corpo e a alma caracterizavam um dualismo, onde a alma prevalecia por ser destinada à salvação e o corpo não, por ser considerado pecaminoso. O corpo não passava de um instrumento para o pecado. O bem da alma era algo que estava acima de qualquer coisa, inclusive dos desejos e prazeres do corpo e dos bens materiais.

A arte era expressa sem muitos exageros. Na pintura, os personagens são encontrados sem muito volume, trajados com muita roupa, com os olhares direcionados aos céus. Na música, os cantos gregorianos foram marcantes.

Por se tratar de um período onde era ordenado que cada ser humano deveria buscar a salvação da alma acima de todas as coisas, o corpo era constantemente negligenciado e, conseqüentemente, considerado perigoso. O corpo feminino era considerado mais perigoso ainda e era chamado de “lugar de tentações”. Alguns teólogos diziam que as mulheres tinham uma ligação com o demônio, pois Eva havia nascido de uma costela torta de Adão e uma mulher, então, nunca poderia ser “reta”, o que a tornava conivente com o diabo e, portanto, muito mais “tentadora” e instrumento do pecado.

Era considerado sacrilégio, a abertura e dissecação de cadáveres. Isso era considerado um dos gestos mais pecaminosos e por este motivo, a anatomia passou por um período de estagnação bastante grande, representando um período negativo para a Educação Física.

A vida sexual nesse período tornou-se praticamente inexistente, onde a virgindade passou a ser vista com grande valor. A castidade tornava-se um tipo de compensação para quem já havia pecado e deveria privar-se de sexo pelo restante da vida. A vida sexual ao cristão só era possível e permitida, se supervisionada e dentro de uma relação estável, ou seja, no matrimônio. A bestialidade (sexo entre humano e animal), era fortemente combatida, além do homossexualismo. A justificativa para tais proibições era de que essas práticas proporcionavam prazer e não procriação ao praticante. O sexo deveria ser apenas vaginal, no escuro e com o homem por cima da mulher, para evitar que a nudez fosse vista.

A cultura física e a preocupação estética eram contra os dogmas da Igreja, portanto, proibidas. Uma das maiores demonstrações de poder e repressão da época, foi quando o imperador romano Teodósio, após se converter ao cristianismo, proibiu os Jogos Olímpicos de serem realizados, alegando ver nos Jogos uma “manifestação pagã”. A medida era compatível com o pensamento do cristianismo,

que comparava os deuses gregos a demônios e considerava como pecado, a exposição dos corpos nus dos atletas durante as competições. Os exercícios físicos permitidos, eram os que davam a base do treinamento militar dos soldados que durante os séculos XI, XII e XIII, que lutaram nas Cruzadas em nome da Igreja.

A nudez era totalmente repreendida. Homens e mulheres vestiam-se com roupas extremamente longas e cobriam seus corpos, por se tratar de uma questão moral e religiosa, decorrente do cristianismo. As roupas longas também serviam para protegê-los das constantes variações do clima.

3.3. Renascimento

Entre a era medieval e a idade moderna insere-se o Renascimento, entendido como um movimento de idéias, um período cultural que começa a identificar uma nova civilização. Este período diferencia-se do período medieval pelo modo de conceber o homem, sentindo a exigência de formar um homem completo e, diferente do que acontecia na Idade Média, uma grande maioria tinha acesso à educação. O pensamento científico e o estudo do corpo voltam a ser valorizados, assim como o trabalho artesão e a realização terrena.

A renovação do pensamento filosófico e pedagógico e uma nova concepção de vida fizeram sentir a importância de corpo e, portanto, a exigência da educação física como formação integral e livre da personalidade. Foi reintegrado então, o ideal educativo grego, trazendo novamente a ginástica como sendo parte essencial da educação.

O corpo reconquista a importância que foi perdida na Idade Média. Isso faz com que a Igreja se veja obrigada a se adequar às mais novas concepções renascentistas dos pedagogos e médicos, em relação ao corpo, atribuindo-lhe um grande e devido valor. Para os pedagogos do Renascimento, a saúde era um meio para obter uma ótima educação intelectual, e para os médicos a saúde era um fim e a ginástica o instrumento que podia concorrer para mantê-la ou para recuperá-la.

As exigências dos cuidados com o espírito relegavam ao corpo um segundo plano e, conseqüentemente, menosprezava a educação física. Com o renascimento há uma notável revalorização da atividade motora, reconduzindo a educação do corpo ao mesmo plano àquele do espírito.

A concepção de corpo do Renascimento é totalmente diferente das anteriores. É nesse período que o homem passa a se redescobrir através das artes, principalmente. Existe uma preocupação com a liberdade do ser humano, onde o mesmo é o centro do Universo (Antropocentrismo).

A Itália foi o marco, o berço do Renascimento. Com isso, lá foi criado um novo conceito de beleza, juntamente com novas tendências artísticas, literárias e científicas. Porém, foi herdada uma desconfiança fundamental do corpo da Idade Média, da sua natureza efêmera, dos desejos perigosos, das tentações e das suas inúmeras fraquezas.

Percebe-se então, um paradoxo da Europa do século XVI: essa Europa caracterizada tanto por um puritanismo e uma vergonha em relação ao corpo, à sua aparência e à sexualidade, como sua celebração, pelo seu culto da beleza e pela redescoberta do nu.

As artes demonstraram bem o que acontecia nesta nova fase da história. As pinturas retrataram fielmente como as pessoas se sentiam em relação aos seus corpos, sobretudo após a “libertação” do corpo pela Igreja. A arte renascentista celebrou abertamente o corpo e a beleza física, pois o nu passa a mostrar uma nova ideologia de mundo, a da “concretude terrena, do material”. Apareceram então, os grandes artistas desta época: Michelangelo, Da Vinci e Boticelli.

A mulher renascentista

Foi no Renascimento que a mulher decidiu se revelar mais, até porque na Idade Média, pouco se podia mostrar ou fazer por causa da repressão da Igreja. Mas isso muda radicalmente e a mulher vem com novas exigências, as quais são expressas nas artes, principalmente. A mulher, antes ligada ao pecado, reapareceu, seminua e deslumbrante, em *O Nascimento de Vênus*, tela de Sandro Boticelli pintada em 1485.

O Renascimento não foi só um período em que as mulheres das classes dominantes se distinguiam das que lhes eram socialmente inferiores pelas suas formas mais nutridas e pela brancura imaculada da roupa interior, mas também um período em que se tornou mais importante que as mulheres fossem “diferentes” dos homens, tanto na forma de vestir como na aparência e no comportamento. As mulheres manifestaram uma tendência a se vestirem de forma mais comportada.

O Renascimento veio atribuir um novo sentido à beleza, dizendo que a mesma era a exteriorização de um sinal de “bondade” que era interior e invisível. A beleza então já não era mais um atributo perigoso, mas necessária para a definição do caráter moral e da posição social. Ser bela tornou-se uma obrigação, já que o que cobria o exterior do corpo tornou-se um espelho no qual o íntimo de cada um ficava visível para todos, logo sua personalidade.

Nesta época, a beleza feminina e o modelo ideal de mulher sofreram várias transformações: de esbelta a roliça e de natural a pintada. A silhueta e o rosto femininos foram correspondendo às diferentes condições de dieta, de estatuto e de riqueza, dando origem a novos padrões de aparência e gosto, a novos ideais de beleza e erotismo.

O ideal medieval da dama aristocrática graciosa, estreita de ancas e de seios pequenos, deu lugar nos finais do século XV e durante o século XVI, a um modelo de beleza feminina mais roliça, de ancas largas e seios generosos, que se iria manter até finais do século XVIII. O corpo e a beleza física ganharam importância histórica a partir do final da Idade Média com a Renascença.

4. O modelo de corpo atual no Brasil e a influência da mídia na sua definição

Após grandes reviravoltas nas concepções de corpo pela história, chegamos aos dias atuais, onde diferente de outros tempos, a preocupação com o corpo é bastante grande. O culto ao corpo e a constante preocupação com a estética são características marcantes da concepção de corpo da sociedade contemporânea. É a geração do corpo perfeito. No Brasil, atualmente, o modelo de corpo dos homens, é o do corpo forte e musculoso, enquanto que o das mulheres é o corpo magro e esbelto.

Essa preocupação com o corpo pode ser benéfica ou maléfica, dependendo do ponto de vista. Se por um lado alguns se preocupam com o corpo exclusivamente por causa do fator saúde, outros “aventuram-se” pelo fator beleza.

É bastante comum encontrar pessoas fazendo caminhadas, corridas em parques, avenidas ou clubes e freqüentando academias em busca de uma vida e corpo mais saudáveis. Contudo, o que também existe são pessoas de todas as idades e sexos, fazendo qualquer coisa, ultrapassando os próprios limites, para conseguir um corpo, dito, perfeito.

Convencidas pelo apelo das campanhas pró-atividade física, ou mesmo por recomendação médica ou do profissional de educação física, algumas pessoas praticam exercícios regularmente e, conseqüentemente, acabam melhorando sua aparência. O grande problema está nas pessoas que fazem qualquer coisa para conseguir um corpo, ao menos parecido com o do subjetivo padrão de beleza. Tomar anabolizantes, fazer dietas desreguladas, tomar medicação sem prescrição médica e fazer inúmeras cirurgias plásticas são alguns exemplos de coisas freqüentes feitas.

Como o modelo de corpo é o magro e esbelto, este modelo influencia de maneira negativa, uma parcela da população feminina. Estas mulheres, “hipnotizadas” por conta desta má influência, vão em busca, a qualquer custo, de um corpo pálido, magro e “belo”. São as chamadas *Top Models*.

As modelos são o exemplo perfeito do que é a concepção atual de corpo. Seus corpos são magérrimos e na maioria das vezes não são saudáveis. Como ser modelo tornou-se uma profissão, para manter o corpo magro para não perder

prestígio nem contratos milionários, muitas acabam tomando remédios para emagrecer ou se alimentando precariamente. É nessa hora que aparecem as patologias como a bulimia e a anorexia.

Diferente de outros tempos, como a Idade Média, o corpo hoje é um objeto de consumo. Ele é exposto a todo o momento. Hoje ele não precisa mais ser escondido por longos vestidos, nem tampouco ele está abaixo da alma em importância. Pelo contrário, quanto mais exposto ele estiver, melhor.

A mídia é responsável por influenciar grande parte da população, em diversas esferas. Não é diferente com o corpo. Ela é responsável por “vender” uma imagem totalmente deturpada a respeito da concepção de corpo. Como geralmente a mídia em geral, mostra o que é de gosto da maioria, infelizmente o corpo tem sido mostrado sem o mínimo de pudor. O corpo é objeto de prazer, sobretudo o das mulheres. A mulher nos tempos de hoje foi totalmente banalizada. Seu corpo é um instrumento de trabalho, o qual a mídia faz questão de explorar.

A maioria dos programas de televisão tem como sua maior atração o corpo. Não há mais a repressão e a censura de antes, o que acaba se tornando uma vantagem para quem promove esse tipo de programa. O conceito de corpo perfeito é citado e mostrado sempre que possível. Em novelas, é difícil encontrar atores e atrizes gordos nos papéis principais. O protagonista tem de ser bonito. São sempre atores fortes e atrizes magras. Isso faz com que quem assista, queira ser do mesmo jeito.

A mídia é uma das responsáveis pela vivência, atualmente, da revolução do corpo onde valores como beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação e atividades físicas têm orientado um conjunto de comportamentos, ora bons, ora ruins na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida e beleza, mais livre, narcísico e hedonista do corpo. O corpo de hoje encontra-se em grande metamorfose. Não se trata mais de aceitar o corpo da forma que ele é, mas sim de corrigi-lo e reconstruí-lo. A mídia apresenta o corpo como um objeto a ser reconstruído, seja em seus contornos ou em seus gêneros. Através de incorporações de estereótipos corporais, o corpo torna-se virtual, um terreno onde são cultivadas as identidades sexuais e sociais. Nesse contexto é que aparece a discussão sobre a homossexualidade e a troca de sexo através de cirurgia, chamada transsexualidade.

Um símbolo da exposição do corpo influenciada pela mídia é o chamado *bodybuilding*. A prática de *Bodybuilding*, também conhecido como Culturismo, tem

como principal objetivo, melhorar a estética do corpo, utilizando pesos, halteres e máquinas de musculação. Trata-se da “cultura da malhação”, que se fundamenta na concepção de beleza e forma física como produtos de um trabalho do indivíduo sobre seu corpo.

Estamos assistindo uma revolução filosófica na concepção de corporeidade e sobre a motricidade com os avanços dos espaços cibernéticos. O mundo parece ter deixado o espaço real de lado. Senão pela transposição do estado de esforço para um estado de conforto (ou preguiça), está sendo transposto pelo mundo dominante das máquinas de pensar e porque não dizer, das máquinas que nos faz agir.

Não se trata, entretanto, apenas de um acréscimo de realidade: a virtualidade. Trata-se de um espelho perigoso no campo da cultura corporal e motora, as quais nos fizeram tão perfeitamente humanos. A realidade virtual surge como uma espécie de manobra do inconsciente humano, no sentido de responder a questões que a própria cultura nos fez deixar de lado: fazer do organismo, do uso do corpo, das práticas corporais um apêndice, ou apenas uma amostra da difícil relação entre o pensar, o sentir e o agir humano. A correlação entre o gesto e a palavra, na sua tripla evidência: expressão, significado e sentido, nos colocam em risco de perdermos o contato com a realidade e a própria percepção dos sentidos. Senão pela manobra do cérebro em tentar descobrir nossos sentidos para manutenção do seu funcionamento, seria pelo uso de artifícios para turbinar o potencial da razão em detrimento da ação.

A inteligência aguçada, memória infalível, atenção total parece ser a nova etapa que a neurociência vem deflagrando no universo da transformação dos corpos. Entendendo de maneira tal que o ser humano na sua totalidade de sentido nos oferece uma única categoria de expressão e significado: o corpo. A descoberta de drogas inteligentes, desenvolvidas por grupos de pesquisadores da Fundação Nacional de Ciência dos EUA, neurocientistas, profissionais da Bioética, psicólogos e educadores já anunciam a reforma do cérebro. As conseqüências podem ser perigosas e imprevisíveis como pelo filósofo James Wilsdon da Universidade Oxford, fazendo referência à droga *Modafil* desenvolvida para tratar de desordem do sono. Tal procedimento poderá vir causar o efeito mutante em neurônios inibidores, nas transmissões sinápticas, na comunicação entre neurônios e em toda cadeia sistêmica de funcionamento do cérebro. Ora, é previsível, pois, o que se faz com atletas quanto ao uso de esteróides anabolizantes para turbinar o sistema cardio-

respiratório e o sistema muscular, estão fazendo no cérebro, esse órgão tão poderoso e desconhecido na sua mais profunda função.

Parece que o organismo humano entrou numa rota cibernética sem volta. Houve um tempo em que os pensadores previam a chegada de máquinas gigantescas para realizar tarefas cada vez mais complexas exigidas pela ciência. Entretanto parece que nanotecnologia, essa engenharia de materiais microscópios vem à tona reduzindo ao mínimo os tamanhos e os pesos de tudo quanto podemos fazer penetrar no organismo humano. Microchips de memória, visão quadridimensional, band-aid vivo, coluna solta, marca-passo, pulmão de microfibras, rins tubulares de células vivas, próteses articulares com sensor eletrônicos. Parece que o homem de 6 bilhões de dólares, a ficção vivida pelo personagem Steve Austin na década de oitenta já está nas prateleiras dos laboratórios. O que nos assusta com essas pesquisas de finalidade terapêutica é que não parece que o ser humano tenha uma visão sobre o corpo e sua potencialidade motora tal que garanta a sua natureza perceptiva e sensitiva, a ponto de estabelecer limites éticos para tais propostas. Essa radicalidade dos corpos em transformação de maneira tal que o organismo humano supra por si mesmo e só ajuste de acordo com suas fronteiras biológicas estão com os dias contados.

5. Considerações Finais

Durante este meu estudo, tentei expor e entender o conceito de corpo e a relação do homem com ele. Vimos como era a concepção de corpo em diferentes épocas e povos, como na Grécia, na Idade Média, no Renascimento e nos dias atuais. A influência da mídia no conceito do corpo também foi parte essencial do estudo.

Como pudemos observar neste trabalho, partimos de evidências presentes de como era o corpo em cada época. Passando pela Grécia, pudemos associar a imagem de corpo aos Jogos Olímpicos, ou seja, corpos fortes e atléticos. Já na Idade Média, constatou-se que a Igreja ditava as regras nesta época, fazendo com que qualquer manifestação de culto ao corpo fosse reprimida. Mais adiante chegamos ao Renascimento, onde o homem volta a ser o centro do Universo e as descobertas sobre o corpo passam a serem divulgadas, aceitas e compartilhadas. O avanço da anatomia foi bastante grande nesse período, onde a Igreja perde a força, porém não a importância. Após tudo isso, chega a Idade Moderna, onde o corpo é objeto de prazer e o narcisismo é absolutamente aceitável. O corpo é modelado de diferentes maneiras e não mais aceito com ele é.

Tentamos mostrar assim, como se comportaram os povos durante a metamorfose corporal de suas épocas chegando até os dias atuais, onde a mídia exerce forte influência. Vivemos num momento cultural cujas relações corporeidade e motricidade, se ajustam e temos tudo numa comunhão de conceitos, cujos dados sobre transformação, transmutação, metamorfose, se acumulam de maneira súbita e rápida, sem que possamos compreender o processo dessas mudanças. Na cadeia de significados, valores de referência sobre o conhecimento, saber, e, sobretudo, a maneira pela qual se faz uso do corpo nessas mudanças, nos deixa perplexo. Na Educação Física, as questões ligadas ao conhecimento sobre o tema *corpo* e *motricidade*, ainda requer um cuidado exemplar na questão conceitual, pois, parece que ainda não sabemos tratar dados conceituais, subjetivos, de efeito sócio-psicológico, e, sobretudo, filosófico e antropológico.

Nessa lógica de investigação é possível identificar as transformações decorrentes da reflexão. A relação corpo e cultura com uma nova interpretação

sobre a linguagem com que se trata do organismo, a dinâmica das práticas corporais e processos de transformação de conceitos. Vimos ser possível estabelecer o elo crítico sobre o conceito de corporeidade, com as premissas tradicionais e de ordem antropológica, cujas referências, ainda não conseguiram traduzir para a Educação Física uma concepção legítima e confiável para a compreensão da área como entidade cultural. Finalmente, podemos abrir nossos espaços de reflexão sobre a educação física e seus temas importantes sobre corporeidade, motricidade e reforçar o conceito de que, atividade física, deve ser compreendido como uma função cultural, e que exige uma concepção, cuja linguagem remanescente pode vir a ser o investimento em transformar conhecimento em saber necessário, para a formação de um ser humano na sua totalidade.

Referências Bibliográficas:

GUSDORF, G. **A agonia da nossa civilização**. 2 ed. São Paulo. Editora Convívio, 1982 . 254p

A influência da mídia na mulher. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia>> Acesso em: 2 set. 2008

Corpo ao longo da história. Disponível em: < <http://www.redepsi.com.br>> Acesso em: 18 ago. 2008

PORTER, R. **História do corpo**. In: BURKE, P. A escrita da história. São Paulo, Unesp, 1992

CARMO JR. W. **Dimensões filosóficas da educação física**. Rio de Janeiro: Guanabara Coogan, 2005.

MARÍAS, J. **O tema do homem**. Problemas atuais e suas fontes. Livraria Duas Cidades, 1975. 336 p.

Damian G.K.M. Farhat
(Orientando)

Prof. Dr. Wilson do Carmo Jr.
(Orientador)